



**UEPB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ROSEANE DE LIMA SANTOS

**ENSINAR E APRENDER:
ESTÁGIO SUPERVISIONADO E CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA**

**GUARABIRA – PB
2014**

ROSEANE DE LIMA SANTOS

**ENSINAR E APRENDER:
ESTÁGIO SUPERVISIONADO E CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA**

Relatório de Estágio apresentado ao Curso de Licenciatura em História do Centro de Humanidades/ Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, para obtenção do Grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marisa Tayra Teruya.

GUARABIRA – PB

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S231e Santos, Roseane de Lima
Ensinar e aprender [manuscrito] : estágio supervisionado e construção da docência / Roseane de Lima Santos. - 2014.
41 p.

Digitado.
Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Marisa tayra teruya, Departamento de História".

1. Estágio supervisionado. 2. Metodologia de ensino 3.
Docência. I. Título.

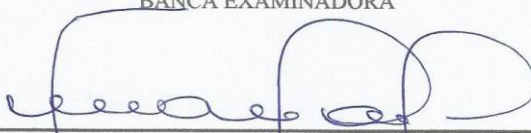
21. ed. CDD 371.12

ROSEANE DE LIMA SANTOS

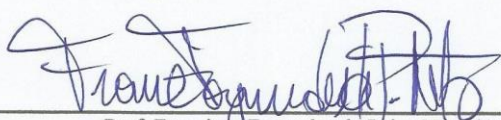
**ENSINAR E APRENDER:
ESTÁGIO SUPERVISIONADO E CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA**

Aprovada em: 11 / março de 2013

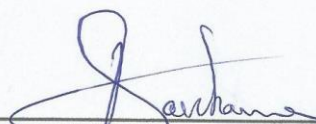
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Marisa Tayra Teruya/(Orientadora)
Depto de História – Campus III – UEPB



Prof. Francisco Fagundes de Paiva Neto (Avaliador)
Depto de História – Campus III – UEPB



Prof. Flávio Carreiro de Santana
Depto de História – Campus III – UEPB

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo amor e apoio irrestrito. Aos meus irmãos, por sempre estarem ao meu lado, me dando força para seguir em frente e aos amigos que são fundamentais em minha caminhada, pelo simples fato de tornarem minha vida e meus dias significativamente melhores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar condições físicas e mentais para alcançar mais uma vitória em minha vida.

Agradeço a minha mãe por estar comigo em todos os momentos me dando incentivo para seguir em frente e superar os obstáculos presentes na vida. Ao meu pai (in memória) por toda colaboração para meu desenvolvimento pessoal. Aos meus irmãos, que sempre me motivaram e colaboraram para o cumprimento dessa importante etapa de minha vida.

A todos os meus familiares que me apoiaram de forma direta ou indireta em quaisquer fases dessa caminhada.

A todos aqueles que foram meus professores, pelo empenho e a crença na educação.

A todos da turma 2010.1 (turno tarde), em especial aos amigos Paulo Gracino da Silva, Renata Gonçalves de Souza e Francinaldo Augusto Gomes, que colaboraram efetivamente com meu crescimento pessoal ao longo do curso, por tornarem esse período ainda mais agradável e por todo apoio que prestaram.

Agradeço especialmente a professora Marisa Tayra Teruya, por todo esforço delegado em função da orientação e colaboração para realização desse trabalho.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) se apresenta sob a forma de relatório de estágio, visando cumprir as exigências da disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório II (ESO II), disciplina inclusa na grade curricular do curso de Licenciatura Plena em História. O estágio mencionado nesse trabalho ocorreu durante o segundo período 2013.2. As experiências aqui descritas encontram embasamento teórico em autores como Fonseca (ANO); Vasconcellos (2005); Bittencourt (2004); Reznik; Boschi (2007); Fernandes (2008). A metodologia usada para produção desse trabalho se deu a partir da observação, do planejamento e execução das ações voltadas ao estágio. No relatório encontra-se o memorial que trata da vivência escolar e o relato das experiências vividas no decorrer do estágio.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Metodologia; Memorial.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
Para aprender e educar, a escola é um bom lugar!	10
Saber e viver: o ensino fundamental, os outros e eu.	12
Admirável mundo novo!?	14
Que seja feita a vontade do pai!	18
PARTE DOIS. Relatório de Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO)	22
Oficina: A História local pensada e aplicada	22
ESTÁGIO: Regência na Escola “Sílvio Porto”	27
“SÍLVIO PORTO”: De ontem e do hoje se constrói o amanhã	28
Um, dois, três... “Professora” de uma vez.	29
Primeiro dia, 25 de setembro	29
Segundo dia, 27 de setembro	30
Terceiro dia, 30 de setembro.....	32
Quarto dia, 14 de outubro	37
Quinto dia, 16 de outubro	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

*“O saber a gente aprende com os mestres e os livros.
A sabedoria, se aprende é com a vida e com os humildes”.*

(Cora Coralina)

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) se apresenta sob a forma de relatório de estágio, exigido pela disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório II (ESO II) do curso de Licenciatura Plena em História. O estágio mencionado nesse trabalho ocorreu durante o período agosto/setembro de 2013. A realização do estágio e elaboração desse relatório contou com orientação da Professora Marisa Tayra Teruya.

As experiências aqui descritas encontram embasamento teórico em autores como Fonseca (ANO); Vasconcellos (2005); Bittencourt (2004); Reznik (1993); Boschi (2007); Fernandes (2008). Fonseca (2009) traz considerações acerca da importância do uso da história local, regional e cotidiana; Reznik (1993) corrobora com essa discussão; Boschi (2007) aponta reflexões sobre o “papel” da história; Vasconcellos (2005) trata de questões voltadas ao planejamento; Fernandes (2008) contribui no que diz respeito a aula-oficina e por fim, Bittencourt (2004), que foi fundamental na reflexão sobre os métodos inovadores e tradicionais. Esses teóricos deram suporte para a realização da prática de estágio (oficina e regência), bem como para elaboração desse trabalho de conclusão de curso.

A metodologia usada para produção desse trabalho se deu a partir da observação, inicialmente, e da observação e execução das ações voltadas ao estágio.

Este trabalho se encontra dividido em três partes, a primeira consiste no memorial, que traz relatos de nossa história, pautados na vida escolar. Tais relatos nos apresentam para além do “ser professor”. O memorial aborda nossa trajetória, justificando o que somos atualmente a partir da nossa história.

No segundo momento temos a descrição da aula- oficina, realizada no município de Araçagi-PB. Esse foi o momento inicial do estágio no período 2013.1. Aqui tratamos do planejamento até a execução da aula- oficina, que se deu com o objetivo de valorizarmos a história local, regional e do cotidiano dos alunos.

Por fim, temos o relato da regência que correspondia ao segundo momento das atividades de estágio. Voltamos-nos para a descrição das aulas realizadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sílvio Porto, apontando os objetivos do estágio em caráter geral e das aulas em caráter específico.

Nas considerações finais, a reflexão das nossas práticas, a fim de sabermos se os objetivos planejados foram alcançados.

PARTE UM. Do *a-b-c* da memória à escrita da história

Minha vida escolar teve início em 1995, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Sílvio Porto¹ na cidade de Pilõezinhos – Paraíba². Fui inserida na “vida” escolar aos três anos de idade. Por conta de minha pouca idade, os gestores da referida escola apresentaram uma recusa inicial em me aceitarem como aluna. Apesar desse fato, fui aceita na condição de ter que acompanhar o desempenho dos demais alunos. Do contrário, teria que repetir a série - não sendo necessário, pois consegui assimilar os conteúdos e desenvolver as competências cabíveis a uma turma de Pré-I.

Foi no primeiro ano escolar que aprendi a fazer meu nome e no mesmo período entrei em contato mais direto com a leitura, já que “tia Niza” lia todos os dias algum texto. Posso ainda me recordar do texto “A menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado.³ Tive contato com ele em outros momentos da minha vida, mas a lembrança da minha professora lendo, circulando pela sala e perguntando: “quem quer ser tão bonita quanto a menina do laço de fita?”, ficou eternizada em minha memória.

Além de ter entrado em contato com a leitura, foi nessa fase que aprendi as letras do alfabeto, o que se deu por intermédio de tarefas repetitivas, que me faziam fixar o conteúdo. Além disso, a professora também usava músicas, brincadeiras, jogos e o que mais fosse possível para melhorar o aprendizado. Durante esse período, a escola era um ambiente adorável, em especial quando se tratava das brincadeiras. Aprender, cantar, desenhar, ouvir as histórias, tudo isso era motivo de grande alegria para mim.

No Pré-II, a realidade não foi modificada, até porque continuei com a mesma professora, que era bem jovem, tinha um jeito sério, mas bem acolhedora. No entanto, ao fim do ano letivo, em 1996, “tia Niza”, por motivos que não me recordo, precisou ser substituída. Foi grande a surpresa ao chegar à sala e ter uma professora nova, (não me recordo de seu nome). A nova professora não era muito diferente da qual estava a substituir, seus métodos eram bastante semelhantes: a maneira de ministrar as aulas, as brincadeiras, as atividades. Tudo se manteve, basicamente, na mesma ordem.

No segundo ano escolar (Pré-II), já conhecia as letras do alfabeto, algumas cores, alguns números. Restava-me, ou melhor, necessitava agora aprender as sílabas,

¹ Atualmente a Escola também atende ao ensino médio, passando a chamar-se E.E.E.F e Médio Sílvio Porto, localiza-se na rua- Manoel Alves de Souza - Nº 309 - Centro – Pilõezinhos- PB.

² Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística) Pilõezinhos tem 43, 901 KM². A estatística populacional de 2010 conta com 5.159.

³ MACHADO, Ana M. Menina bonita do laço de fita. Coleção Barquinho de papel. São Paulo: Atica, 2000.

para assim começar a ler. Com muito esforço e através do “ $B+A=BA$ ”, comecei a ler, algumas palavras ainda no pré-II. A professora era muito rigorosa com a leitura e sempre nos colocava para ler duas ou três vezes por semana. Nessas ocasiões, eu sempre ficava entre as últimas a ir para casa, pois os alunos eram chamados a ler em ordem alfabética. Contudo, as tardes dedicadas à leitura foram de grande valia, pois adquiri o suporte necessário para enfrentar as séries posteriores.

Para aprender e educar, a escola é um bom lugar!

No ensino primário, a vida escolar ficou mais séria, os professores cobravam mais, as atividades ganhavam outro grau de dificuldade e a relação professor-aluno já começava a obedecer a certa hierarquia. A disciplina era muito cobrada, os diretores do colégio eram bastante atuantes. Recordo-me que quando o diretor ou a vice-diretora chegava à minha sala, todos os alunos os recebiam de pé e só voltávamos a sentar quando recebíamos permissão.

As regras de “boa convivência” nos eram passadas no primeiro dia de aula. Quem não as cumpria geralmente recebia advertência, mas, em casos mais sérios, o aluno era mandado para casa, só podendo retornar à escola na presença dos responsáveis. O fator obediência e disciplina, além de ser cobrado na escola, era pauta de muitas conversas entre meus pais, meus irmãos e eu. Em casa, meus pais sempre diziam para respeitarmos os professores. Os professores eram, para mim e para meus irmãos, símbolos de respeito e obediência. Para minha família, a escola era o real e mais eficiente (se não o único) espaço de construção do saber.

Durante o primário, eu era uma criança recatada, não tinha muitos amigos, mas me divertia muito com os poucos que tinha. Gostava bastante de estudar, mesmo com as dificuldades impostas pelo dia-a-dia. Raramente perdia um dia de aula, pois achava prazeroso ir e vir da escola com os livros em mãos. Meus primos, Giliard, Giliana e eu, saíamos para escola juntos e voltávamos juntos para casa, sempre brincando. Quantos sorrisos, quantas corridas, quantos segredos, quantas artes... Era essa vivência extraclasse que me impulsionava a querer reviver tudo de novo a cada dia.

Na segunda série, já dominava a leitura. Foi mais ou menos nesse tempo que me interessei a brincar de escolinha. Dava aula às crianças menores que moravam na mesma rua que eu. Não era fácil, pois as crianças não tinham controle, mas eu gostava muito de ler para elas. No período em que a brincadeira de escolinha se fez presente em

minha vida, as disciplinas que mais me despertavam interesse eram Português e Ciências. Nem tanto pelo estudo da matéria em si, mas o que me atraía eram os livros dessas disciplinas. Em Português, pela presença de textos, que quase sempre eram bem ilustrados e de leitura agradável. Nos livros de Ciências, os textos não eram meu foco principal, mas, sim as imagens de animais e plantas diversas, pois aquelas belas ilustrações me despertavam um grande encantamento e eu desejava ser mais um elemento naquela cena.

Na 3ª série, não tive professora, mas sim um professor chamado Sebastião Araújo. Isso foi significativo, pois até então só havia estudado com mulheres. Tive a professora Niza, no Pré-I e II, Ivoneide na 1ª série, Nina na 2ª e na 3ª o professor Sebastião. Ele era um homem maduro, muito paciente, raramente dava bronca em algum aluno. Foi exatamente na 3ª série que comecei a me relacionar melhor com meus colegas e aos poucos fui deixando a timidez de lado e consegui interagir com mais segurança.

Durante a 4ª série, uma questão de ordem familiar me abalou profundamente. Minha família era composta por minha mãe, Josefa de Lima Santos; meu pai, Josimar da Silva Santos (in memória); meus irmãos, Carlos Alberto de Lima Santos, Patrícia de Lima Santos, Jailza de Lima Santos e eu, Roseane de Lima Santos.

Naquele ano, tive que conviver com a dor de perder um ente querido. A morte de minha irmã Jailza foi extremamente impactante para mim, meus pais e irmãos. Esse fato alterou ainda mais a realidade de minha família. Digo ainda mais, porque já tínhamos nossas peculiaridades. Meu pai era paralítico e tinha a audição comprometida por conta de um Acidente Vascular Cerebral (AVC). A condição do meu pai já exigia uma organização familiar “diferenciada” e isso se acentuou ainda mais com a morte de minha irmã, pois ela partiu deixando um filhinho de apenas três meses. Restávamos então meus pais, minha irmã Patrícia e eu, sendo que meu irmão, na época, estava no Rio de Janeiro. Em meio à complexidade dos fatos, minha mãe tinha que trabalhar (às vezes mais que um período), cuidar do marido, dos filhos e do neto.

Esse emaranhado de acontecimentos marcou minha passagem pela 4ª série. De alguma forma, sentia que era necessário ajudar minha mãe de forma mais efetiva (ao meu modo e com meus limites). Minha rotina teve mudanças significativas, principalmente no que concerne às atividades escolares. Nesse ano, meu rendimento foi negativo, ao ponto de repetir a 4ª série.

No meu segundo ano de 4ª série, já estava mais bem adaptada à nova rotina. Estudei com a professora Ilda, que era exigente e bastante competente. Cobrava-nos leitura e tabuada, sempre verificava as atividades de sala e de casa e, por conta disso, eu me esforçava ao máximo para fazer tais atividades.

Pa a minha sorte, a professora não priorizava unicamente as resoluções certas. Tudo era válido, desde que tentássemos obter as respostas⁴. Nesse segundo ano de 4ª série, fui aprovada com notas consideravelmente boas. Agora com a aprovação eu teria que passar a estudar pela manhã. Permaneceria na mesma escola e só mudaria o turno, pelo fato do ensino fundamental 02 ser pela manhã.

Saber e viver: o ensino fundamental, os outros e eu.

Da 5ª a 8ª série, tudo passaria a ser novo, e o novo nem sempre é agradável. Tive novos professores, novos diretores e novos colegas. Apesar de tantas coisas novas, nesse tempo tive que conviver com velhos problemas. Por ser muito recatada durante a 5ª série, fui alvo de várias brincadeiras desagradáveis e constrangedoras⁵. Tinha vontade de revidar, mas a escola não era lugar para essas ações e, além disso, minha família jamais aceitaria de bom grado que discutisse ou brigasse nesse ambiente, então essa era uma possibilidade descartada. Restava-me então ignorar.

Da 6ª série em diante, as “brincadeiras” foram minimizadas. A partir daí, eu já tinha uma relação melhor com meus colegas e estava mais habituada com a realidade do ensino fundamental. Ainda era bastante tímida, mas conseguia ter uma melhor interação com os demais alunos e professores. Dois fatores foram importantes para que eu pudesse evoluir no relacionamento com os demais.

Em primeiro lugar, fiz amizade com quatro alunas que vieram a se tornar grandes amigas, passando a compartilharmos quase todos os fatos ocorridos no ambiente escolar. Em segundo lugar, tive o auxílio e orientações dos professores sobre a apresentação de trabalhos na sala de aula.

Os seminários como método avaliativo a princípio deixava toda a turma apreensiva. Foi necessário tempo para irmos ganhando confiança. A cada nova

⁴Só agora posso compreender que esta forma de ensino se relaciona com aquilo que Bittencourt (2004) define como ensino inovador

⁵Posso perceber atualmente que fui vítima de *Bullyng*, mas que em nome dos bons princípios acabei relevando, graças aos ensinamentos adquiridos no seio familiar.

apresentação ia perdendo o medo da exposição, de falar em público. Na 7ª série, já estava mais acostumada com as apresentações, mas isso não significava dizer necessariamente que a situação fosse agradável.

Da 5ª a 8ª série, convivi basicamente com os mesmos professores. Transitei de uma série à outra e eles continuavam a ministrar suas aulas. Passavam-se os anos e eles permaneciam a ensinar as suas respectivas disciplinas. Alguns atuando em sua área de formação, outros não, e, assim, segui durante o ensino fundamental. Quanto aos alunos, também não percebia grandes mudanças na composição da turma, algumas vezes eram acrescidos dois ou três à turma, o que não representava mudança expressiva.

O ensino fundamental era cheio de novidades sob meu ponto de vista. Tudo era novo, exceto a escola, já que eu continuava na mesma, mudando apenas de turno. Tínhamos vários professores novos, várias aulas numa mesma manhã. Eram aulas de Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Religião, Inglês e Educação Física. Com tantas mudanças, demorei em me sentir pertencente à nova realidade.

Minhas aulas, no dito período, geralmente eram expositivas, independente da disciplina ou do conteúdo. Os professores abordavam os temas, faziam apontamentos e exercícios. Utilizávamos o livro didático com bastante frequência. A escola não dispunha de tantos recursos, limitando a atuação dos professores em determinada instância. Estes atuavam basicamente com o giz e o livro, exigindo grande esforço para qualquer ação mais diferenciada, dada a ausência de recurso ou material para isso.

Inseridos nessa realidade, os professores buscavam fazer o possível para os alunos compreenderem (ainda que aprendêssemos apenas o que estava no livro didático). Mesmo assim, algumas vezes, os docentes nos faziam fugir da rotina e nossas aulas chegavam a contar com músicas, filmes, documentários etc. Quanto ao método avaliativo, os professores usavam majoritariamente as provas escritas. Entretanto, contávamos também com provas orais e apresentação de seminários.

No ensino fundamental, tive a oportunidade de ter a amizade de Maria de Jesus Melo, Maria Valquíria de Souza, Márcia Gabrielly da Silva e Isabel Cristina Pereira. Foram elas que me deram apoio irrestrito em quase todos os momentos dessa fase. Estávamos juntas durante as aulas e fornecíamos apoio umas às outras, desde as decisões ou problemas pessoais até o reforço de uma determinada disciplina. Quando precisávamos estudar para provas ou trabalhos, procurávamos fazer isso juntas, mas

nem sempre era possível, já que Maria de Jesus e Maria Valquíria moravam na zona rural. Vivemos momentos memoráveis, nem sempre pacíficos e harmoniosos, mas memoráveis. Foi com a ajuda das minhas amigas que enfrentei a tristeza ocasionada pela morte do meu pai. Estava na 7ª série quando isso ocorreu.

Na 8ª série, minhas amigas novamente se fizeram presentes em minha vida de maneira importante. Foi a partir de Maria Valquíria que tomei conhecimento da existência de um colégio interno situado na cidade de Bananeiras - PB. A princípio, Valquíria e Maria de Jesus se mostravam empolgadas com a ideia de estudar em outra cidade. Elas insistiam nisso comigo na tentativa de me convencerem a ir também.

Acabei me convencendo após as constantes campanhas de “marketing” do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros⁶ (CAVN) realizadas por minhas amigas. Fiquei encantada com a possibilidade de fazer um curso técnico, sem contar que as fotos que me apresentaram do dito colégio eram bastante atrativas, um local bem bonito. Por conta disso, resolvi fazer a inscrição para o exame de seleção do CAVN, mas, por ironia do destino, minhas amigas decidiram desistir da mudança de escola e de cidade. Isso me desanimou, mas mesmo assim prossegui com o apoio da minha mãe, restando apenas fazer a seleção e aguardar o resultado.

Admirável mundo novo!?

Com a desistência das minhas amigas, convenci a minha prima Giliana a fazer o exame de seleção comigo. Fizemos a prova e ficamos aguardando o resultado, mas confesso que estava muito empolgada com a possibilidade de fazer o curso técnico em agropecuária, mesmo tendo um forte receio quanto à possibilidade de me ausentar do meu lar por muito tempo⁷. Eis que na data marcada para divulgação dos resultados, telefonei para a secretária da coordenação do colégio, querendo saber primeiro o resultado de minha prima. Mas infelizmente ela não havia sido aprovada, e isso já me desanimou. Resolvi perguntar sobre a minha classificação, mesmo tendo perdido a fé nessa possibilidade e, para a minha surpresa, recebi uma resposta positiva.

⁶ O Colégio Agrícola Vidal de Negreiros é uma instituição de ensino vinculada a Universidade Federal da Paraíba – Campus III, localizado na cidade de Bananeira-PB. O Colégio oferece cursos técnicos em nível médio e pós-médio, sendo esses: agropecuária; agroindústria e aquicultura.

⁷ O CAVN oferece regime de internato para alunos que moram distante da instituição. Para os alunos que moram em Bananeiras ou cidades circunvizinhas dar-se a opção de realizar o curso em regime de externato.

Mesmo tendo certeza da minha aprovação no CAVN, continuei frequentando as aulas na escola “Sílvio Porto”. Isso se deu porque as aulas no CAVN só começariam em março, enquanto na escola em Pilõezinhos, foram iniciadas em fevereiro. Então, comecei a cursar o ensino médio ainda na minha cidade.

Tinha muito medo de não me adaptar ao colégio agrícola. Foi pensando na possibilidade de desistir na primeira semana que me dispunha a ir às aulas todos os dias, pois amenizaria a situação caso resolvesse voltar a estudar em Pilõezinhos.

No contexto anteriormente descrito, comecei em março de 2007 a estudar no CAVN. Na primeira semana não houve aulas, esse tempo foi dedicado a acolhida dos “novatos”. Tivemos uma semana para conhecer os professores e as instalações, saíamos pela manhã e à tarde para conhecermos os diversos setores existentes. Como o colégio é integrado ao Campus III da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), suas instalações contam com alguns laboratórios, setores agrícolas, zootécnicos, agroindustriais, além disso, tínhamos os espaços de lazeres. A priori, a estadia no CAVN se destinava a esse fim.

O novo colégio tinha seus encantos. Além da beleza de suas instalações, tinha, para mim, a beleza da vida animal e vegetal, sendo tudo extremamente encantador. Sem contar que diversas pessoas de variados lugares passavam a habitar um só mundo. A inserção nesse espaço me permitiu aprender inúmeras coisas. Acredito que a experiência de estudar no colégio agrícola foi muito além do meu objetivo inicial, que era unicamente concluir o ensino médio juntamente com o curso técnico em agropecuária.

As primeiras semanas de aula foram as mais complicadas, pois aconteciam nos turnos manhã e tarde. Pela manhã, era desenvolvido o 1º ano do ensino médio, e à tarde, o curso técnico. Adaptar-me a essa carga dupla de aulas levou alguns dias e, para agravar a situação, a minha turma inicialmente tinha por volta de 60 alunos. As aulas em dois horários já esgotavam minhas forças e a turma demasiadamente numerosa dificultava muito o andamento da aula. Nessa situação, os professores e diretores resolveram dividir a turma em duas. Formaram-se assim duas turmas “de agropecuária”.

As aulas no CAVN me cobravam extrema disciplina e determinação. Eram várias disciplinas e, além das matérias convencionais, a grade curricular do colégio contava ainda com informática e redação técnica, sem falar nas disciplinas técnicas. Diante daquele arsenal, eu só tinha uma saída: estudar!

Seria o óbvio, mas como constatar o óbvio diante das inúmeras possibilidades de diversão que aquele lugar oferecia? Para mim, a melhor e mais funcional estratégia era pensar que, se eu reprovasse, teria que passar mais tempo longe de casa, o que para mim não era totalmente agradável, por mais que tivesse verdadeira “adoração” por meus amigos e professores.

Para minha sorte, alguns de meus amigos compartilhavam dos mesmos pensamentos que eu. Sendo assim, diante das dificuldades em alguma disciplina, nós nos uníamos em um pequeno grupo para revisar o conteúdo. Essa atitude, juntamente com as constantes visitas à biblioteca, me ajudou bastante a superar as dificuldades que tinha principalmente em Matemática e Física.

No 2º ano os horários se inverteram, pela manhã as aulas passaram a ser do curso técnico e à tarde do ensino médio. O curso técnico no 1º ano era mais voltado à parte vegetal e no 2º ano iniciamos a parte animal. Guardo recordações das aulas práticas, de minhas atuações por vezes desastrosas ou sem sucesso, tais como a castração de suíno, a descorna de caprinos e a vacinação de bovinos. Tive que trabalhar bastante o psicológico para realizar essas práticas em situações posteriores.

No 3º ano do ensino médio nossas aulas eram direcionadas ao vestibular. Na verdade, todos os três anos desta fase tinham esse direcionamento, mas neste ano tínhamos essa pretensão bem delimitada. Além das aulas cotidianas, os professores organizavam bizuradas⁸, e no colégio tinha cursinho pré-vestibular. Várias ações eram empreitadas em função de preparar os alunos para os vestibulares.

No colégio agrícola, a vivência em sala de aula ultrapassava o limite da amizade: ali éramos irmãos, nem sempre os melhores, mas ainda assim, irmãos. Nosso companheirismo ia além da sala, porque, por exemplo, eu passava dias longe de casa, mas havia pessoas que chegavam a passar meses. Então, nada melhor diante das circunstâncias do que adotar nossos pares como família. Havia professores que ocupavam o lugar de pais em certos momentos, havia amigos que adotávamos como irmãos e isso nos incentivava a ter coragem, força, fé e determinação.

Durante o 1º ano de estudo no CAVN, a possibilidade de fazer vestibular e ser aprovada pareciam muito distantes para mim, mas, por influência de minhas amigas de curso, fiz minha inscrição no Processo Seletivo Seriado (PSS), mesmo não tendo muita

⁸ Bizurada é uma aula, onde se trabalha uma série de conteúdo voltados a um fim específico. Nesse caso, as bizuradas apresentavam o conteúdo que seriam “cobrados” nos vestibulares.

perspectiva quanto a faculdade. Contudo, tinha o desejo de cursar Ciência Biológicas. Era minha primeira opção de curso, e como segunda opção pensava em Zootecnia. Isso só mudou a partir do 2º ano do ensino médio, quando passei a estudar com a Leye Regina, uma professora de História que muito me inspirou.

Até aí, as minhas disciplinas favoritas eram Português, Biologia e Física. Depois de Leye, passei a gostar bastante de História, por esse motivo senti muito quando a professora foi substituída. Mas, para a minha sorte, a substituta também era excelente. A partir dessa sequência de fatos eu refiz meus planos quanto às escolhas de possíveis cursos superiores.

Meu tempo de aluna interna foi marcado por altos e baixos. As aulas representavam 75% do meu tempo os 25% restantes eu passava no alojamento, ou nos demais espaços na companhia dos amigos. Ironicamente, as minhas memórias tomam proporções inversas: 75% das minhas recordações correspondem aos momentos que vivi com meus amigos e os 25% restantes fazem menções aos momentos em aula. Foram muitas as histórias, momentos e situações que vivi com meus companheiros de jornada.

O colégio agrícola me proporcionou evoluir consideravelmente, usando como referência minha antiga escola. É certo que as aulas eram diferenciadas. Não só no curso técnico, pois os professores tinham uma formação mais ampla, tínhamos melhores materiais didáticos, um laboratório de informática, entre tantos outros voltados às áreas técnicas, tínhamos uma boa biblioteca e sem mencionar os demais recursos existentes e disponíveis.

A evolução a qual fui submetida nessa fase de minha vida não se deu unicamente no âmbito da educação. Ou seja, no CAVN, eu aprendi a ser mais humana. Inclusive, essa humanização a que me refiro tem a ver com aquilo que Vasconcellos (2005) aponta como qualidades fundamentais para o processo *humanizador*. Ou seja, o autor aponta qualidades complexas como “consciência, linguagem, amor, liberdade, ética, arte, projeto, trabalho, alegria, desejo, imaginação, compromisso, transcendência, gratuidade, apreciação do belo, civilização, justiça, paz, perdão, (...)” (VASCONCELLOS, 2005, p. 36-37), para tal processo de formação.

Como ele aponta, esses elementos são marcas fundamentais para a humanidade. Naquele espaço certamente, muito dessas marcas passaram a me compor de maneira mais concreta, a cada dia uma nova metamorfose, pois foi ali que aprendi a viver e não

só conviver com as pessoas, aprendi o valor de uma amizade, a força de um carinho, de uma palavra amiga, soube como é difícil a admissão do erro, mas que isso é necessário, aprendi com todos do CAVN que seguir sozinho é possível, mas estar junto de pessoas amadas torna a caminhada menos sofrida.

Cheguei ao Colégio Agrícola Vidal de Negreiro com 14 anos, cheia de receios, pensando que não conseguiria me adaptar, que teria dificuldades em fazer amigos, pois essa era uma característica presente em minha vida e eis que conquistei irmãos, que me ensinaram a viver, que foram capazes de se organizar para me oferecer o melhor aniversário que tive. É evidente que tive momentos ruins nesse tempo, mas as coisas boas que ocorreram ficam em primeiro plano.

Em 2009, estava fazendo o 3º ano do ensino médio, aproximava-se então o fim do curso, me vi dividida entre a alegria e a tristeza: ficava alegre, pois iria voltar para casa e triste, pois iria ficar distante de amigos como Lucicleide Barreto, Maria Barbosa, Luís Silva, Manoel Fábio, Quitéria Miguel, Fernanda Costa, Robson Ramos e tantos outros. Como cada pessoa é de uma determinada cidade, o fim do curso trazia a possibilidade de não estarmos juntos novamente por um vasto período. O último mês de aula foi um tempo de despedida. Procuramos ficar juntos a todo tempo: banhos de piscina, jogos de vôlei, conversas nas praças, festas nos alojamentos, tudo fazíamos para aproveitar o tempo que nos restava. A tristeza que senti ao ver minha família voltando para casa sem mim no meu primeiro dia no CAVN foi multiplicada quando tive certeza que iria me distanciar, talvez de forma definitiva, dos meus amigos.

Hoje posso afirmar que o “mundo novo” ao qual resolvi me integrar foi indubitavelmente um espaço de (re)construção do eu, um espaço admirável onde as relações humanas são (re)elaboradas constantemente, dessa forma o crescimento e amadurecimento individual e coletivo se fazem necessários. Sob essa perspectiva o Colégio Agrícola Vidal de Negreiros não é unicamente um espaço de ensino/aprendizagem, ou mesmo o lugar de construção e transmissão do saber, para além disso, o CAVN para mim é uma “escola da vida”.

Que seja feita a vontade do pai!

Ao concluir o curso técnico, juntamente com o médio, estava decidida a fazer um curso superior. Como mencionei anteriormente, minha primeira opção de curso era Ciências Biológicas e fiz essa opção para o vestibular da Universidade Federal da

Paraíba (UFPB), pretendendo cursar na cidade de Areia-PB. Já para o vestibular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), resolvi me guiar por minha nova paixão, optando por História. Só obtive êxito no vestibular da UEPB, ou seja, iria fazer o curso de licenciatura plena em História. Quando vi o resultado do vestibular da UEPB, pensei: “meu pai sempre teve razão, serei mesmo professora!”

Eu fiquei tão feliz com a aprovação na UEPB que nem cheguei a cogitar a possibilidade de remanejar a minha nota no vestibular da UFPB, sendo essa uma possibilidade. Meses depois é que um amigo informou que eu teria conseguido entrar para o curso de Zootecnia se tivesse remanejado a nota. Contudo, isso já não me atraía e logo na primeira semana fiquei fascinada com o curso de História.

No decorrer do tempo, foi de grande valia para mim entender a questão das produções de discursos e a desnaturalização de tantas coisas. Neste sentido, por exemplo, Boschi (2007, p. 9) diz que “tudo o que, às vezes, nos parece natural e eterno é, na verdade, fruto da criação humana, ao longo do tempo”.

Iniciei o curso com muito receio de não poder concluir. Por questões de cunho burocrático, minha matrícula não estava devidamente regular. Mesmo com a possibilidade de ser proibida de continuar nas aulas, eu insistia em frequentar a universidade, até porque essa possibilidade era um tanto quanto utópica para mim em outros tempos, mas agora que tinha conseguido, certamente não iria abdicar facilmente. Sendo assim, passei a responder como aluna do curso de História, no primeiro período do ano 2010.

A turma a qual “pertencia” era bastante numerosa no início, mas muitos foram mudando de turno, de curso, ou desistindo. Assim, chegamos ao ano final com 14 alunos. Em 2010, no começo, por conta de minha questão com a dita matrícula, pensei muitas vezes em desistir, tendo inclusive apoio da minha mãe para isso. Porém, eu resolvi seguir até a última possibilidade, alguns de meus colegas de curso me encorajavam a continuar independente de qualquer coisa.

O primeiro ano de curso foi bem turbulento para mim, tive que estagiar em cumprimento às exigências do curso técnico. Isso era necessário para que pudesse ter acesso ao meu histórico, que só poderia ser emitido mediante apresentação de comprovação de estágio e defesa de relatório. O histórico era justamente o que faltava para regular minha situação na UEPB. Entre estágio, elaboração do relatório e defesa do mesmo houve um considerável espaço de tempo.

A princípio percebi que o curso não era bem do jeito que imaginei, tinha em mente a ideia que o curso superior iria dar continuidade aos assuntos estudados no ensino médio, um elementar engano. Ao “fazer História”, já de início foi possível perceber que estávamos mais propícios a desconstruir o que julgávamos saber.

Tal possibilidade me causava um tremendo desconforto em algumas aulas, pois o meu medo era que algum professor me fizesse perguntas e, ao responder, tudo fosse contestado. Certamente eu ficaria sem argumentos e um tanto “constrangida”, mas para a minha surpresa esse receio foi erradicado quando passaram a me dizer que não existia uma verdade única e absoluta. Apropriei-me disso e assim percebi que o que sabia anteriormente teria alguma valia.

Ao longo dos quatro anos de curso, procurei me envolver em algumas atividades, a exemplo de monitoria, extensões, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

No quarto período fui monitora da disciplina História Antiga e Medieval. Nesse mesmo tempo me interessei pelo projeto de extensão do professor Tiago Bernardon de Oliveira, uma extensão que consistia na elaboração de um arquivo com processos trabalhistas do TRT-13 (Tribunal Regional do Trabalho). Iniciei como voluntária e passei a ser bolsista PIBIC do referido projeto.

Quanto ao PIBID, surgiu o interesse a partir da possibilidade de estar em sala de aula, vivenciando aquela realidade a qual pretendo me inserir. Já estava com 11 meses (entre participação voluntária e bolsista) e resolvi me afastar do PIBIC, passando a ser bolsista PIBID, uma experiência que me deu, de certa forma, um pouco mais de segurança e confiança, para encarar a sala de aula.

O curso de História me fez vivenciar situações jamais imaginadas, como um “protesto” para obtenção de água própria para consumo, por motivo da água disponível nos campus conter um forte sabor de ferrugem. Como forma de protesto, a minha turma levou um pote para a Universidade, tal fato teve grande repercussão nas redes sociais e nos ajudou a conseguirmos novas centrais de água. Onde, se não no curso de História e com quem, se não com pessoal da turma 2010.1, eu poderia viver coisa desse tipo?

A turma 2010.1 sempre se dispôs a agir diante de situações do tipo que foi descrita no parágrafo anterior. Mobilizávamos-nos para essas causas, mas, no entanto, o mesmo não ocorria quando o objetivo era diversão, confraternização ou viagens, não

estavam presentes em nossa realidade, por mais que tentássemos envolver a todos. Nessas circunstâncias (geralmente) acabávamos saindo apenas Paulo Gracino, Francinaldo Augusto, Renata Gonçalves e eu. Isso fez com que estreitássemos os laços, nos tornamos grandes amigos. E, mais uma vez, os amigos se mostram essenciais em mais uma fase de minha vida, pois para mim, as amizades são o que tornam a vida mais afável.

O curso de histórias conta com vários professores, assim como no período do ensino fundamental ou do ensino médio. Cada um tem suas peculiaridades, seus métodos, suas maneiras de avaliar. Cada um tem sua forma, e no caso da faculdade de História, isso passa a depender (em partes) da corrente historiográfica.

Essa configuração diversificada nos permite ter contato com várias vertentes de ensino. Cada professor então contribui a seu modo com o crescimento pessoal e profissional dos graduandos, nos ajudam a termos perspectivas de futuro e de maneira direta ou indireta nos servem de “espelho” para a carreira profissional, que pretendemos trilhar.

PARTE DOIS. Relatório de Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO)

Oficina: A História local pensada e aplicada

Essa parte do relatório trata da aplicação de uma oficina como prática didática. Tal atividade foi planejada e executada em conformidade com a disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório II (ESO II). A realização de aula-oficina como um espaço de construção de saber se mostrou viável, tendo como base as experiências passadas, que foram bem sucedidas⁹.

Tratando-se de uma aula, assim como toda ação didática, é necessário que haja um planejamento como ato inicial. Sendo assim, o planejamento se deu no decorrer das aulas de ESO II. A princípio tínhamos decidido em comum acordo entre professora e alunos que a aula-oficina correspondente ao estágio seria realizada em uma escola situada na zona rural do município de Araçagi-PB. Isto nos colocaria diante de uma nova realidade, o ensino em uma escola do campo, onde tal possibilidade nos colocaria diante de um alunado que poderia vir a apresentar peculiaridades em relação aos alunos da zona urbana.

A aula-oficina planejada durante os encontros na UEPB ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olívio Maroja, que fica no Assentamento Maria Preta, distante vinte quilômetros da zona urbana cidade de Araçagi, no estado da Paraíba. Assim sendo, no dia 23 de agosto de 2013, saímos rumo a esta escola para a realização da aula-oficina.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Olívio Maroja, o estágio foi realizado em grupo¹⁰, e o nosso ficou responsável por aplicar a oficina em uma turma de 9º ano. Com base no planejamento inicial, decidimos trabalhar com um tema que fosse pertinente a realidade daquela comunidade. Sendo assim, nos propomos a tratar a vaquejada como conteúdo didático da aula-oficina.

⁹ No estágio Supervisionado I, desenvolvido no terceiro ano da graduação (2012), nós pudemos desenvolver aulas-oficinas como parte das atividades práticas de estágio.

¹⁰ O grupo era constituído por José Valdeir, Renata Gonçalves e eu.

A escolha desse tema se deu por conta da vaquejada ser um esporte presente naquele meio. Ou seja, uma quantidade considerável do alunado daquela escola tinha contato direto ou indireto com esse esporte.

Nosso planejamento inicial contava com a aplicação da oficina em uma única turma - 9º ano -, porém tivemos que ampliar a fim de atender também a turma de magistério. No entanto, não havia uma sala com espaço suficiente para comportar duas turmas, em virtude desse novo fato, tivemos que adaptar a oficina e dividir o grupo para que ambas as turmas fossem atendidas.

A aula-oficina partiu de uma intencionalidade que se destinasse a interagir com o cotidiano do alunado, buscando estabelecer ligações entre o conhecimento prévio, a História local e conhecimento empírico dos mesmos. O primeiro ponto foi partir da ideia de que a História local é como “um campo privilegiado de investigação para os diversos níveis em que se trançam e constituem as relações de poder entre indivíduos, grupos e instituições” (REZNIK, 1993, p.4), sendo essencial para os nossos objetivos, que era mostrar os interesses ocultos existente nas práticas e representações.

A partir disto, buscamos ainda considerar elementos que privilegiavam a vivência cotidiana dos discentes, para que eles se sentissem construção e construtores, sujeitos e objetos da História. Nesta direção, dialogamos com Fonseca, que discorre sobre esta discussão afirmando que:

O meio no qual vivemos traz marcas do presente e de tempos passados. Nele encontramos vestígios, monumentos, objetos, imagens de grandes valor para a compreensão do imediato, do próximo e do distante. O local e o cotidiano como locais de memória são constitutivos, ricos de possibilidades educativas, formativas (FONSECA, 2009, p.).

Em meio à nova situação, pensamos em uma estratégia para atender as duas turmas, pensando podermos tratar do mesmo tema em ambas, mas na turma do magistério, ao invés de fazermos uma oficina propriamente dita, eu iria apenas conceituar e expor o que é uma oficina, realizando uma roda de conversas com a intenção de orientar aqueles futuros professores para a importância de tal atividade pedagógica.

Inicialmente, houve uma rápida apresentação minha, da professora Marisa e dos alunos. Posteriormente, partimos para uma conversa informal, tentando conhecer um pouco da realidade daqueles alunos. Em meio às conversas, buscávamos saber o que os haviam motivado a escolher o magistério; quais as dificuldades que eles enfrentavam

para prosseguirem no curso; quais as suas perspectivas como futuros profissionais da área educativa, já que estes estavam no último ano de seu curso. Tratamos ainda do caráter do curso que aqueles estavam a fazer, como eram suas aulas, quais eram as metodologias adotadas por seus professores e outras particularidades.

Conversando com aqueles alunos, fui aos poucos ganhando espaço e me tornando mais confiante. Em meio à troca de informações, falávamos sobre as aulas que mais motivavam ou despertavam interesse naquele público. Uma aluna veio a nos dizer que gostava das aulas mais participativas, em que havia espaço para atuação de alunos e professores. Aproveitando a oportunidade, conceituei a aula-oficina, que segundo Fernandes (2008), serve para a interação participativa dos alunos, além de ser uma prática capaz de produzir novos documentos e posteriores arquivamentos, auxiliando em futuros planejamentos no sentido de melhorar as atividades pedagógicas da escola. Bem como, aproveitando a união coletiva para tais tarefas, pudemos melhor explorar os conhecimentos prévios e empíricos dos alunos para podermos confrontar com os conhecimentos científicos, convergindo com o modelo de ensino definido por Bittencourt (2004) como inovador.

Mesmo tendo apresentado um conceito pouco amplo do que seria uma aula-oficina, fiquei entusiasmada com a recepção das informações, pois percebi que os alunos compreenderam o que uma oficina representava. Isso foi notório, porque ao terminar a minha fala, uma das alunas disse: “Ah! Agora eu sei o que é, às vezes fazemos isso em algumas disciplinas”. Partindo deste argumento foi possível perceber que eu já estava dialogando com os conhecimentos prévios desta aluna.

Após termos deixado os alunos cientes do que ocorria em sua escola naquela tarde, tratei de expor o tema que iríamos trabalhar. Eles ficaram empolgados ao saber que se tratava de vaquejada. Não fiz uma explanação sobre o tema¹¹, pois, devido ao fato do meu grupo ter sido dividido, a turma do magistério não iria realizar a produção cabível àquela oficina, no entanto, por se tratar de uma turma de futuros professores, eles iriam auxiliar a turma de 9º ano, que iriam produzir cartazes de divulgação de uma vaquejada, contendo as informações necessárias como: local, data, hora, premiação, valor da senha, atrações e organizadores¹².

¹¹ A equipe responsável pela oficina na turma de 9º ano se encarregou de tal atividade.

¹² Analisando alguns cartazes expostos na região que envolve a cidade de Araçagi, pudemos observar que estas são as informações básicas dos eventos de vaquejadas.

Essa possibilidade de pôr os alunos do magistério para auxiliarem a turma de 9º ano, já havia sido tratada entre José Valdeir, Renata e eu, deparados com a situação de divisão do grupo. Entendemos que seria viável se colocássemos aqueles futuros professores em ação, ficando acordado que após ocorrer a apresentação do tema, a divisão dos grupos e a distribuição do material necessário para a confecção dos cartazes, os alunos do magistério iriam procurar os grupos para serem devidamente incluídos e poderem auxiliar na atividade daquela outra turma. Ou seja, eles é que seriam os facilitadores da oficina, aprendendo com a prática.

Para a confecção dos cartazes os alunos do 9º anos receberam: canetas coloridas (hidrocor), lápis grafite, régua, colas, tesouras, cartolinas e cartazes de divulgação de vaquejada impressos em papel ofício (A4). Estando com o material em mãos, os alunos das duas turmas buscavam um lugar que lhes possibilitassem a realização da atividade, já que a sala em que estavam não dava condições para acomodação de todos.

Para realização das atividades os alunos tinham um tempo a cumprir. Após a confecção dos cartazes eles teriam que apresentá-los, expondo seus motivos para escolha das informações ali contidas. Caberia a cada grupo apresentar sua produção, justificando a escolha de cada elemento escolhido para compor o cartaz que divulgaria a vaquejada idealizada por eles.

A partir do que os alunos fizeram nos foi possível perceber como a vaquejada chega até eles, quais os elementos que eles consideram indispensáveis nesse esporte nos dias atuais, com isso íamos discutindo a relação presente – passado, mostrando que a vaquejada em sua configuração atual apresenta semelhanças e mudanças da vaquejada em outro tempo, ou mesmo em outro espaço.

Todos os elementos presentes nos cartazes eram de responsabilidade dos alunos, mas o que eles escolhiam com maior empolgação eram as atrações musicais que iriam “abrilhantar” a vaquejada. A maioria dos alunos achava essencial e indispensável que houvesse bandas de forró, outros optavam por forró e sertanejo. Apenas um grupo optou por incluir *funk* entre as atrações, mas sem dispensar o forró. Se formos fazer uma análise desta prática, relacionando com o pensamento de Bittencourt (2004), perceberemos que tornamos a aula mais atrativa, uma vez que os alunos dialogaram com o conteúdo a partir de algo mais próximo das suas realidades, nos fornecendo informações do cotidiano que interagiram com o passado histórico.

A escolha do *funk* se coloca como algo que nos surpreende em primeira instância, dado o tema da aula oficina julgamos que a preferência por forró seria unanime, o fato de termos visto a escolha desse tipo específico de música nos dá margem para pensarmos como essa produção cultural periférica¹³ (*funk*) nos chega e, como se faz presente no cotidiano dos alunos¹⁴.

Ter realizado a oficina com um tema que eles conheciam foi muito proveitoso. Com a aplicação desta oficina, na Escola Olívio Maroja, pudemos perceber como é importante trabalharmos com algo que seja próximo e/ou presente na realidade dos alunos, isso nos coloca em condições de conhecimentos similares, possibilitando que a interação ocorra de forma simples e agradável.

Entendendo que a realidade na qual o aluno está inserido pode nos dar amplas possibilidades de atuação, passamos a oferecer um espaço de maior privilégio para determinados elementos que se encontram presentes no cotidiano, na cultura, na memória, no meio social e na História, não só dos discentes, mas também da comunidade em que eles participam. “Ensinar e aprender a História local e do cotidiano é parte do processo de (re)construção das identidades individuais e coletivas, a meu ver, fundamental para que os sujeitos possam se situar, compreender e intervir no espaço local em que vivem como cidadãos críticos” (FONSECA, 2009, p.).

Partindo desse pressuposto, deu-se a opção de trazermos a vaquejada para uma aula- oficina. Acreditamos que aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais foram colocados em pauta tendo a realidade daqueles alunos como referência. Assim, tivemos oportunidade de dialogar com a história local, regional e do cotidiano partindo do lugar social dos discentes, dando ênfase assim a concepção de Fonseca (2009), pois só estando situado da realidade na qual estamos inseridos poderemos atuar de forma a proporcionar mudanças significativas a comunidade na nos encontramos.

Queremos destacar o valor de um planejamento pedagógico, pois as nossas ações só se tornaram possíveis com muita determinação e planejamento. Vasconcellos (2005) foi o grande orientador teórico neste aspecto, dando o suporte necessário para as nossas pretensões. Ele defende que “o planejamento só tem sentido se o sujeito coloca-

¹³ Para saber mais sobre o tema ver: “Cultura e música periférica na escola pública: percepção dos professores quanto aos ritmos musicais apreciados pelos alunos.” http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.1/cultura%20e%20msica%20perifrica%20na%20escola%20pblica%20percepo%20dos%20professores.pdf

¹⁴ Analisar a inserção do *funk* no cotidiano do alunado partindo dessa aula oficina, nos dá possibilidade para realização de trabalhos futuros. Pela amplitude do tema, não o trataremos aqui em caráter minucioso

se numa perspectiva de mudança” (2005, p. 38), que em nosso caso seria o desejo de conhecer novas práticas, visando o nosso futuro profissional.

Além do que foi dito, essa oficina nos deu condições de entrar em contato com alunos da zona rural, um público que até então desconhecíamos, mas que não apresentou fortes distinções dos perfis de alunos de escolas urbanas. Essa prática também me fez perceber que não precisamos de muitos recursos para tornamos as aulas mais atrativas e produtivas. Essa era uma proposta inicial que havíamos discutido em grupo. Pensamos em realizar a oficina com materiais que fossem facilmente encontrados na Escola. Assim fizemos, com o objetivo de mostrar a nós mesmo que uma aula diferente e mais dinâmica é possível ser feita, ainda que não haja disponibilidade de recursos tecnológicos.

ESTÁGIO: Regência na Escola “Sílvia Porto”

O estágio realizado no período 2013.2 teve como parte integrante a regência, realizada de maneira individual e em escolas de diferentes cidades¹⁵. Por sugestão da professora orientadora de estágio Marisa Tayra, os alunos da turma 2010.1 poderiam, caso quisessem, optar por estagiar em suas respectivas cidades, e/ou ainda, em suas “antigas” escolas.

Seguindo essa perspectiva, escolhi realizar meu estágio na escola em que havia estudado desde as séries iniciais ao fundamental maior. Assim sendo, fui até a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sílvia Porto, com a finalidade de conversar com a gestora da Escola sobre tal possibilidade. A mesma se posicionou a favor e tal disposição me deixou bem animada. Por um motivo simples, mas significativo, naquele espaço eu havia estado tempos antes como aluna, e estava prestes a voltar, agora como “professora”.

Estar em condição de estagiária naquela escola era agradável e desafiador. Agradável porque aquele ambiente ainda me era acolhedor, como foi outrora. Desafiador porque, além dos esforços que faria para dar conta de ministrar as aulas, vencendo o medo, a insegurança, convivendo com a possibilidade do erro, naquele ambiente ainda teria que entrar em contato com meus “antigos” professores e isso

¹⁵ O estágio foi realizado em diferentes cidades por conta da alta demanda de alunos estagiários e a baixa oferta de escolas disponíveis para realização do estágio no município de Guarabira- PB. Com isso estagiar em outras cidades tornou-se uma possibilidade viável.

gerava um misto de sensações, me dividia entre a alegria e a “grande” responsabilidade de estar entre eles.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sílvio Porto foi onde iniciei minha vida escolar. Voltar aquele espaço como estagiária me dava, de certa forma, a possibilidade de mostrar admiração e gratidão por todos que vieram a contribuir com minha educação. Esse sentimento foi crescente no decorrer do estágio, pois tive a chance de mostrar a alguns dos meus “antigos” e “eternos” professores que o tempo, os esforços e a dedicação investida por eles na educação, foram, para mim, de extrema e inestimável valia.

“SÍLVIO PORTO”: De ontem e do hoje se constrói o amanhã

Na Escola “Sílvio Porto” iniciei meu estágio no mês setembro do ano 2013. Por minha opção e em acordo com a professora de História¹⁶, ficando para realizar a regência das turmas de 6º A e B, 8º e 9º anos. Minha pretensão inicial era realizar a regência nas turmas de 6º e 9º ano, mas depois resolvi ampliar o “desafio”, ficando também com o 8º ano. Digo desafio, porque assim me foi apresentada a turma, a professora me disse que era uma turma um tanto difícil. Não estive com o 7º ano, pois julguei que seria difícil dar conta de todas as turmas, então essa foi posta como exceção. A meu ver, tal ano teria um perfil semelhante ao 6º ano, por conta da faixa etária daqueles alunos.

Ao pensar na regência, eu sentia certa emoção, não conseguia distinguir o nervosismo da ansiedade, ao mesmo tempo me via envolta do receio e do desejo de dar aula. Já havia estado em situações semelhantes devido a minha participação no PIBID, mas dessa vez a intensidade foi consideravelmente multiplicada.

Desejava estar naquele espaço, ter uma boa relação com os alunos, dar boas aulas e conseguir fazer o meu melhor. Sabia previamente que não seria fácil, mas encarava os fatos com a vontade de cumprir o que me coloquei a fazer. Às vezes, me amedrontava pensando nas situações que poderiam acontecer. Lembrava dos ensinamentos da Prof.^a Marisa Tayra, que dizia em meio às suas aulas que podíamos nos dar o direito de errar, desde que esse erro servisse para repensarmos nossas ações,

¹⁶A é formada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarabira (FAFIG), que hoje corresponde a Universidade Estadual da Paraíba- Campos- III- Guarabira- PB.

afim de melhorarmos em situações futuras. Saber disso era confortante em certos momentos.

Um, dois, três... “Professora” de uma vez.

Primeiro dia, 25 de setembro

Dei início ao estágio no dia 25 de setembro de 2013. Estava empolgada para entrar nas salas de aula, me apresentar e dar aula. Mas antes disso, me reuni por alguns minutos com a professora, para lhe mostrar os planos de aula e os slides que havia preparado. Nesse momento, a professora sugeriu que naquele primeiro dia eu apenas observasse, pois tinha uma atividade para finalizar em suas turmas. Aceitei a proposta por ela apresentada e a segui em direção a sala do 8º ano. A professora me apresentou à turma como uma ex-aluna daquela escola e disse que agora estava voltando como professora e ficaria com as turmas por algum tempo, em função do estágio.

No 8º ano, a professora fez um treino ortográfico, proveniente de um *box* existente no livro do professor. O *box* trazia informações voltadas ao Período Regencial. Saímos do 8º e fomos para o 9º ano. Lá também fui apresentada por ela, e assim se fez também nas outras salas.

No 9º ano, a professora fez novamente um treino ortográfico. Seguindo o modelo da série anterior, ela usou um texto que se encontrava em um *box* tratando da Segunda Guerra Mundial.

Na turma de 6º ano “B” foi feito um “jogo”, que basicamente consistia em formular e responder o máximo de perguntas que os alunos (em grupo) conseguissem, usando os textos presente em determinado capítulo do livro didático. Com a realização da atividade, cada grupo deveria usar suas perguntas para questionar um grupo “adversário”. Caso o grupo questionado não respondesse no tempo pré-determinado ou não soubesse a resposta, o grupo que “lançou” a questão é que ganharia ponto. Uma espécie de “passa ou repassa”. Nessa sala, o assunto era Pré-História.

Entendi a metodologia da professora como um estimulante para a minha regência, pois ao instigar a competitividade entre os alunos, ela fazia com que o conteúdo fosse questionado. E mais, seguindo os ensinamentos de Bittencourt sobre uma aula inovadora, percebi que a aula da professora também se distanciava da aula tradicional, pois neste modelo de ensino, o aluno

recebe de maneira passiva uma carga de informações que, (...) passam a ser repetidas mecanicamente de forma oral ou por escrito com base naquilo que foi copiado no caderno ou respondido nos exercícios propostos pelos livros” (BITTENCOURT, 2004, p. 226-7)

Segundo dia, 27 de setembro

Meu primeiro dia em regência veio a acontecer em 27 de setembro de 2013. Na ocasião, a primeira aula era na turma de 8º ano, a sala que mais me deixava apreensiva. O tema da aula era “Regências: a unidade ameaçada”. Assim era o título referente ao capítulo 13 (treze) do livro didático que os alunos tinham acesso. Iniciei a aula partindo desse título, questionei aos alunos se algum deles sabia o que vinha a ser a Regência. Não obtive respostas, a professora tentando ajudar, dizia à turma que eles já haviam visto algo sobre esse assunto, inclusive no treino ortográfico que haviam feito na aula anterior.

A tentativa não foi bem sucedida, os alunos permaneciam apáticos. Isso me deu certa aflição e por impulso direcionei a pergunta a um aluno que eu sabia como ele se chamava. Notei a expressão de aflição dos outros alunos, acredito que eles temiam que fizesse mais perguntas direcionadas a algum deles. O aluno a quem fiz a pergunta me olhava com certa timidez, mas passado algum tempo ele veio a me dizer que não sabia direito, mas achava que tinha a ver com D. Pedro I. Eu agradei a participação do aluno, disse que ele tinha razão, e daí passei a tratar e a conceituar o período regencial ou Regência.

Para tratar desse período, achei por bem fazer uma breve explanação sobre a abdicação de D. Pedro I. Logo após situei os alunos, mostrando que esse período ocorreu entre 1831 e 1840. Voltei então a fazer menção ao já falado título do capítulo 13. Voltei a questionar os alunos e disse “meninos e meninas, o que é essa *unidade* descrita no livro de vocês? E por que nesse período essa tal *unidade* estava ameaçada? Que ameaça seria essa? Atualmente como se encontra essa *unidade*?” Em meio a essas perguntas, alguns alunos começaram a pegar seus livros, talvez buscando respostas. Outros saíram da sala, mas continuei seguindo meu roteiro. Enquanto os alunos pensavam, eu ia escrevendo no quadro algumas palavras que me dariam suporte para explicar o assunto.

Voltei-me novamente aos alunos e perguntei se eles já haviam pensado o bastante para me fornecerem as respostas, mas alguns pareciam não me ouvir, outros

disseram que não sabiam, porém um deles disse, “professora eu acho que essa unidade deve ser alguma coisa no Brasil, veja aí na página 225”. Eu não tinha o livro didático, então pedi para ele ler para a turma, mas ele não leu. Pedi o livro de uma aluna emprestado e fui à página 225, tinha um texto com o título: “Como o Brasil manteve a unidade territorial?”. Quando estava voltando para o assunto, a aula acabou. Ainda assim, pedi que os alunos fizessem a leitura desse texto da página 225, e que buscassem saber o que ameaçava aquele dito período. Adiantei que esse seria o assunto para a próxima aula.

Pelo menos, o meu objetivo imediato havia se concretizado, que era ministrar uma aula de 45 minutos. Os planejamentos, teorizados por Vasconcellos (2005) foram fundamentais, assim como as buscas por uma aula inovadora explicitada por Bittencourt (2004), mas o medo inicial superou estes objetivos, que na prática foram relegados ao segundo plano.

Sáímos do 8º e fomos para o 6º ano “A”. Ainda não havia sido apresentada à turma e me apresentei como estagiária, dizendo que passaria a acompanhar a turma na disciplina de História. A professora me pediu que passasse a frequência dos alunos. Assim eu fiz e serviu como exercício de memorização dos nomes. Ao terminar a ação, tentei começar a aula expondo o tema que iríamos tratar, mas os alunos estavam interessados em saber das notas que a professora havia ficado de dizer para eles naquele dia. Além disso, eles também pediam incessantemente que a professora desse o “visto” em uma atividade passada, que iria contar ponto para a nota. Devido a essa situação, não tive como ministrar a aula na turma, naquele dia. Deixei o espaço para que a professora resolvesse as pendências e mais uma vez só consegui atingir o mesmo objetivo imediato, literalmente, que era concluir a aula no tempo predeterminado.

Partimos para a turma do 9º ano, onde os alunos conversavam em demasia, sendo bastante desconfortável para mim e para a professora. Ela observava quieta, olhava para turma com semblante e gestos singelos de reprovação, que não se deixava afetar. Eu, me fazendo passar por calma, pedia silêncio a todo o momento e de nada adiantava. Via o tempo passar e eu ali, sem ter “controle” sobre a turma. Então fiquei em silêncio por algum tempo. Percebendo minha atitude, uma aluna pediu a seus colegas para ficarem em silêncio. Foi grande minha surpresa ao ver que a ação deu resultado e o barulho das conversas diminuiu consideravelmente. Com isso, consegui

proceder, vendo a possibilidade de poder ministrar uma aula inovadora como havia planejado.

Consegui iniciar a aula e perguntei aos alunos o que eles poderiam dizer sobre a Segunda Guerra Mundial, já que era este o tema da aula. Eles nada disseram. Eu continuei a tentar interagir com a turma, fui questionando, e a cada questão ia escrevendo no quadro algumas informações sobre esse evento histórico. Perguntava a turma se alguém poderia me dizer em que período havia ocorrido a Segunda Guerra. Quais eram os motivos? Quais países participaram? Mas os alunos não me davam a atenção que julgava merecer.

Para poder “prender” a atenção deles, ou ao menos voltá-la para mim, sugeri que eles pegassem seus livros e me ajudassem a dar aula. O meu método foi colocar no quadro alguns fatos relacionados à Segunda Guerra Mundial, pedindo para eles me ajudarem, informando em que ano haviam ocorrido os fatos.

A aula estava começando a ficar um pouco participativa, no entanto o horário acabou e só conseguimos abordar fatos acontecido de 1940 a 1943. Coloquei no quadro alguns fatos em ordem aleatória, para que eles me dessem suas respectivas datas de ocorrência.

No quadro havia as seguintes informações: “O Brasil declarou guerra ao Eixo após um ataque a navios brasileiros por submarinos alemães.”; “Invasão da Europa Ocidental”; “Os alemães e italianos foram expulsos do norte da África” e por fim, “Hitler invadiu a união soviética, invadindo até o Cáucaso.”. Tendo posto essas informações no quadro de forma aleatória, sem obedecer a sequência cronológica, combinei com eles para que trouxessem os fatos com suas datas na ordem “correta” dos acontecimentos. Os alunos iriam fazer um linha do tempo.

Usei o artifício que tinha a meu favor, na tentativa de expor o conteúdo da aula de uma maneira interativa, ainda que minimamente. Buscava estabelecer relação entre passado e presente, sempre que possível, objetivando uma aula que envolvesse professor/aluno/conteúdo em uma só dinâmica.

Terceiro dia, 30 de setembro

O segundo dia de estágio se deu em 30 de setembro de 2013. Naquela data, o horário oferecia duas aulas em sequência no 9º ano. Aproveitando-me da situação, planejei realizar uma aula com uso de slides. Isso me possibilitaria ganhar tempo e

possivelmente faria com que os alunos prestassem mais um pouco de atenção na aula. Nos slides havia textos e imagens referentes à Segunda Guerra Mundial.

Contudo, não foi possível expor o conteúdo da maneira que havia planejado, pois o data show não estava funcionando de modo normal. O aparelho exibia os slides por alguns instantes e rapidamente parava de funcionar. Não fiquei tão aflita com a situação, pois conforme aprendera na formação acadêmica, devemos sempre contar com um “plano B”.

Segui com minha aula, me desculpei com os alunos que estavam um tanto eufóricos, mas eles pareceram compreender a situação. Então entreguei um texto resumo a cada um deles, que trazia informações sobre a guerra. Algumas que já havíamos visto na aula passada e outras que iríamos ver naquele momento. Estando os alunos com o texto em mãos sugeri que realizássemos uma “brincadeira”. Tentei mobilizar toda a turma, não consegui! Alguns alunos não se envolveram.

Para incentivá-los, a professora resolveu fazer a atividade valer um ponto para a nota posterior, assim os alunos ficaram mais estimulados. Pedi a eles que se organizassem em duas equipes, expliquei que uma representaria a Potência dos Eixos e a outra representaria os Aliados¹⁷. Falei um pouco sobre a Potência do Eixo e Aliados, mostrando quais países faziam parte desses dois grupos. Ou seja, retomei a tática da competitividade para atrair atenção dos alunos e, conseqüentemente, buscar aquela aula inovadora, anteriormente discutida.

Estando a turma já organizada conforme a combinação anterior, pedi para que eles fizessem a leitura do texto que havia entregado e também do texto presente no livro didático, dizendo que eles deveriam buscar ao máximo abordar a entrada e participação dos países na guerra, sejam os países do Eixo ou dos Aliados.

Caberia aos alunos justificar a escolha de participar daquela equipe (Eixo/ Aliados), sendo necessário argumentar o máximo que pudessem sobre a postura de cada grupo na guerra. A equipe que fizesse a melhor exposição, com a melhor justificativa para participação naquele grupo e com os melhores argumentos para isso, sairia “vencedora” e conquistaria um ponto para cada membro da equipe.

¹⁷ A ideia de realizar essa atividade veio a partir da observação da aula da professora regente, percebendo que nas aulas iniciais meu planejamento não se fez cumprir, busquei usar a estratégia da competição, como já acontecia com aqueles alunos. Observando, percebi que os discentes eram motivados por meio da competição, assim fui adaptando as aulas, com base em experiências vividas por mim e por outros colegas durante o período de participação no PIBID.

Os alunos iam realizando a atividade proposta e, faltando quinze minutos para o fim da aula, pedi para que eles fizessem as apresentações, com as duas equipes expondo os seus argumentos. Enquanto o grupo dos *Aliados* dizia ter entrado na Guerra por culpa da Alemanha e de Hitler, o grupo da *Potência do Eixo* não aceitava, alegando que a Alemanha tinha que agir assim mesmo, pois estava prejudicada em consequência da Primeira Guerra Mundial.

Os ânimos iam se exaltando, daí resolvi interferir e falar um pouco sobre o Tratado de Versalhes. Fui prontamente interrompida por uma aluna, reclamando que eu estaria ajudando a equipe do “Eixo”. Achei sua colocação conveniente, me desculpei e disse que não era essa a intenção. Fiquei de abordar esse assunto em outro momento.

Os alunos passaram a falar todos ao mesmo tempo, ficando sem controle a realização da apresentação. Perguntei se eles não poderiam fazer menos barulho, disse que se continuássemos naquele “fervor” as outras turma que iriam declarar guerra contra nós, os alunos riram e retomaram a apresentação.

Foi uma aula peculiar, achei que não conseguiria realizar atividade alguma naquela turma devido a apatia deles para comigo no primeiro momento. Percebendo que todos os alunos haviam participado, a professora achou por bem estender aquela proposta de dar um ponto para a nota posterior, sendo assim as duas equipes, ou melhor, toda turma ganhou o ponto.

Assim terminaram as aulas do 9º ano naquele dia, me dando uma sensação de satisfação, não sabia como seria a partir desse momento. Mas naquela manhã do dia 30, senti que a experiência estava sendo proveitosa e, ainda que minhas ações representassem bem pouco, sentia-me realizada.

Os planejamentos iniciais foram ideias no sentido de atingirmos o objetivo de poder inovar em uma aula de História, pois para Vasconcellos (2005), planejar remete ao ato de querer mudar algo, acreditando na possibilidade de mudança da realidade ao ponto de vislumbrar a possibilidade de realizar uma determinada ação.

Saindo do 9º ano, fui para o 6º “A”, iniciei a aula que tinha por tema: “Fenícios e Hebreus”. Comecei falando sobre a invenção do alfabeto, mostrando que os Fenícios, mesmo estando distante de nós em caráter temporal, ainda contam com seu legado na atualidade. De maneira breve, apresentei de forma expositiva algumas informações sobre os Fenícios e Hebreus.

Havia entregado um texto impresso para a turma. Além disso, fui colocando no quadro algumas palavras voltadas ao assunto. Após isso comecei a falar sobre emigração, apontando a realidade do Nordeste, onde por vezes essa prática é adotada, seja por questões de cunho econômico, político ou social. Partindo disso, comecei a falar da emigração dos Hebreus. Prendi-me mais ao aspecto religioso, em virtude de se tratar de uma turma de 6º ano.

Pedi para que os alunos fizessem a leitura do texto. Cada aluno ia lendo um parágrafo, ao fim da leitura de cada parágrafo eu tornava a explicar o que o texto dizia, sempre buscando saber se os alunos tinham dúvidas ou perguntas.

Não foi uma aula fácil, primeiramente em função do tema, me via diante de um assunto que não achava “simples” o suficiente para fazer relação com o presente, ou com a realidade daquelas crianças. Depois, a turma era bastante dispersa, os alunos faziam provocações constante contra seus colegas, xingamentos, declarações caluniosas. Ou seja, nessa sala tive que conviver com um problema que afeta a educação há um tempo considerável, o *bullying*.

Em uma dada situação, a professora havia me deixado sozinha na sala e um aluno então começou a provocar sua colega usando termos ofensivos e denegrindo a imagem da mesma. Não achei que fosse me deparar com algo do tipo justo na turma de 6º ano, por se tratar de uma turma com alunos de idade correspondente a dez ou onze anos. Confesso que fiquei surpresa, me perguntei o que fazer, torcendo para que a professora voltasse à sala. Em meio à situação, tentei conversar com o aluno que provocava, e ele não recuava diante da minha posição, então aumentei o tom da voz. A aluna que estava sendo provocada, a essa altura já estava a chorar.

Pedi à turma que permanecesse em silêncio, comecei a falar o quanto era desnecessária, prejudicial e desagradável, atitudes desse tipo. Disse aos alunos que não poderíamos tratar os outros com desrespeito, coloquei no quadro a seguinte frase “amarás a teu próximo como a ti mesmo”. Perguntei aos alunos, inclusive para aquele que estava a provocar sua colega se ele conhecia a autoria dessa frase e se já era de seu conhecimento.

O menino saiu da sala e a aluna parou de chorar, continuei a conversar com a turma, dizendo que ali não havia ninguém igual, éramos todos diferentes, e devíamos nos respeitar. Em meio a minha fala fui interrompida por uma aluna, que disse: “professora, elas são iguais”, fazendo referência a duas irmãs gêmeas que faziam parte

da turma. Continuando minha fala disse que nem aquelas meninas, gêmeas, eram assim tão iguais, elas teriam várias coisas, para além dos aspectos físicos que as distinguiam uma da outra.

Vejamos que neste momento eu estava trabalhando um dos sentidos da História defendido por Boschi (2007, p. 17), pois ele afirma que “se a História não nos auxiliasse em mais nada, só o fato de nos ensinar a respeitar quem é diferente de nós já seria motivo suficiente para nos dedicarmos a estudá-la”.

A aula assim teve fim, com essa situação desconfortável, mas pudera recorrer aos ensinamentos científicos para contrapor a prática. Confesso que isso me fez mudar o foco, deixando o tema da aula em um plano secundário, que só viria a ser retomado na aula seguinte. Contudo, senti que uma intervenção seria necessária naquele momento, mesmo não me vendo, sob quaisquer hipóteses preparada para uma experiência do tipo. Ainda assim, busquei agir da maneira que me foi possível e conveniente, não me isentando da “parcela de responsabilidade na formação humanística dos alunos”, como diz Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky, quando alegam que tal processo de humanização é muitas vezes deixado de lado por parte das escolas.

Ao sair do 6º ano “A”, fui para o 6º ano “B”. Segui o mesmo plano de aula para as duas turmas, pois ambas estavam iguais no que diz respeito ao tema. Na turma “B”, os alunos eram mais atentos e participativos. Ao falar sobre os Fenícios e Hebreus fiz as mesmas considerações que havia feito na turma “A”.

Tratei novamente da questão do alfabeto e da emigração. Um aluno logo me perguntou o porquê de os Hebreus emigrarem com tanta frequência. Fiz a leitura do texto que havia preparado, pedi para que a turma prestasse atenção na leitura a fim de encontrarmos a resposta para a questão feita por aquele aluno.

Ao término da leitura perguntei se eles haviam encontrado a resposta da pergunta do colega e disseram que não. Então disse para a turma que aquele povo, os Hebreus, emigravam muitas vezes por conta das condições econômica e políticas às quais estavam submetidos naquele tempo, cerca de 2000 a 1700 a.C.

Dei sequência à aula de forma expositiva, mostrando onde os povos Fenícios e Hebreus haviam se instalado, em que período, como se dava seu desenvolvimento econômico e religioso. Ou seja, primeiro questionamos o conteúdo para instigar os alunos a prestarem atenção no conteúdo que seria exposto sequencialmente.

A turma de 6º ano “B” era mais participativa, mais atenta. Não tive maiores problemas, nem situação similar à que vivi na turma “A”. Consegui expor o conteúdo que havia planejado para aquela turma, foi uma aula bem breve, pois a turma estava envolvida com a elaboração de atividades voltadas a uma gincana que seria realizada tempos mais tarde. Por conta disso, a professora permitiu que os alunos saíssem da aula minutos antes. Deixei os alunos incumbidos de realizarem a leitura referente ao tema, usando o livro didático e o texto que havia entregado a eles, para voltarmos a tratar do tema na aula seguinte.

Quarto dia, 14 de outubro

Meu quarto dia de estágio ocorreu no dia 14 de outubro de 2013. A distância temporal existente entre o segundo e terceiro dia de estágio decorreram dos seguintes fatos: substituição da professora de História; realização da gincana; e chegada da nova professora. A professora havia me dito que iria tirar férias e seria prontamente substituída por alguém que ela ainda desconhecia. Quando a nova professora chegou, minhas aulas foram adiadas um pouco. Achei que seria necessário dar esse espaço para que a nova professora conhecesse as turmas e as turmas a ela. Nesse intervalo também ocorreu uma gincana na Escola “Sílvio Porto”. Esses fatos fizeram com que minha terceira aula só viesse a ocorrer no dia 14 de outubro.

No dia 14 apresentei à nova professora o meu plano de aula, perguntando se ela havia dado continuidade aos assuntos referentes ao tema que eu havia iniciado nas turmas de 6º “A” e “B”, 8º e 9º anos. Ela me deixou à vontade para continuar de onde havia parado, no entanto achei por bem fazer um espécie de revisão nas turmas antes de dar continuidade ao conteúdo.

Na turma do 9º ano fiz uma revisão da aula dada no dia 30 de setembro, e continuei a abordar o tema Segunda Guerra Mundial. Após a revisão comecei a falar sobre os regimes fascistas. No quadro fiz um apontamento sobre os principais regimes e líderes fascista. Entreguei aos alunos um texto impresso. Essa aula durou apenas alguns minutos, pois uma professora de outra disciplina, por algum motivo, pediu que parte do tempo da aula lhe fosse concedido e, assim se fez. Devido às circunstâncias pedi aos alunos que estudassem os textos que eu havia entregado para eles e também o texto presente em seus livros didáticos. Justifiquei o pedido, dizendo que na aula seguinte teríamos uma aula “diferente”.

Assim também fiz nas aulas dos 6º “A” e “B” nesse dia 14. Fiz uma revisão do assunto abordado na aula anterior e usei um mapa para mostrar de forma mais clara e específica as regiões que hoje correspondiam aos territórios habitados por Fenícios e Hebreus. Com a ajuda dos alunos, ia tentando mostrar os locais correspondentes as emigrações daqueles povos, especialmente dos Hebreus. Foi uma aula interessante, com resultados semelhantes nas duas turmas.

Deixei as turmas 6º “A” e “B” avisando que eles deveriam estudar o que havíamos trabalhado, usando os textos e o livro didático, pois na próxima aula teríamos um bingo¹⁸, com uma premiação para o aluno que acertasse todas as questões. Eles ficaram um tanto “eufóricos” com a notícia, querendo saber mais, mas não tínhamos mais tempo.

Quinto dia, 15 de outubro

Nesse dia, as turmas de 6º ano “A” e “B” ocupavam quatro aulas seguidas, sendo os dois primeiros horários do 6º “B” e os dois seguintes do 6º “A”. A professora Denise sugeriu que juntássemos as duas turmas a fim de ocupar apenas duas aulas com a atividade proposta. Assim foi feito, a turma “A” juntou-se a “B”.

Iniciei a aula perguntando quem havia feito a leitura que indiquei anteriormente. Para minha surpresa, as maiorias dos alunos das duas turmas disseram ter lido os textos. Comecei falando para eles como seria o bingo, que tínhamos que cumprir determinadas regras, como o tempo para dar a resposta, respeitar quando fosse a vez do colega falar e ficar em silêncio quando as perguntas estivessem sendo feitas, para que todos ouvissem (como explicaremos adiante).

A junção da turma fugia um pouco dos meus planos, então deixei os alunos decidirem como o bingo deveria ser aplicado: individualmente, estando cada um com sua cartela, ou se poderíamos dividi-los em equipes. A segunda sugestão foi a mais atrativa, mas logo foi apresentada outra proposta. Por sugestão da professora, dividimos os alunos das duas turmas de acordo com seu número de registro no diário do professor (caderneta), assim, ficaram ímpares “contra” pares. Percebam que os planejamentos

¹⁸ O bingo foi utilizado como atividade avaliativa e de revisão. A proposta dessa atividade nesse modelo foi apresentada a partir de um minicurso, realizado no Colóquio Nacional de Pesquisas Históricas em Campina Grande- Paraíba. Tal atividade já havia sido trabalhada no PIBID, portanto, apresentava viabilidade.

tornam-se flexíveis diante da realidade, podendo ser alterado de acordo com as necessidades reais (VASCONCELLOS, 2005).

As cartelas do bingo tinha números que iam do 01 (um) ao 24 (vinte e quatro). Então para a realização dessa atividade elaborei 24 (vinte e quatro) questões. Assim sendo, os números iam sendo chamados. Cada número chamado correspondia a uma pergunta, a equipe que tivesse em sua cartela o número que havia sido nomeado deveria responder a questão solicitada. Para isso, as duas equipes (ímpares e pares) tinham cartelas com numerações diferenciadas, quando a equipe não conseguia responder a questão de imediato, podiam recorrer aos textos respeitando o tempo de dois minutos de consulta. Quando eram tirados números que não se encontravam na cartela de nenhuma das equipes, a pergunta correspondente ficava “reservada” para ser discutida após o bingo.

Assim se passaram três aulas, os alunos algumas vezes desobedeciam as regras que foram estabelecidas, mas diante da “ameaça” de acabar com aquela aula, que estava sendo “diferente”, logo recuavam. O uso do bingo foi bem proveitoso, pude ver o empenho dos alunos, a vontade que eles tinham de acertar e mais, percebi que eles realmente tiraram algum proveito de minhas aulas. Neste caso, a metodologia e o recurso didático fizeram com que os alunos dialogassem com os conteúdos.

Os alunos da equipe “par” venceram o bingo e entreguei a premiação, que era uma caixa de chocolate para o grupo vencedor, em seguida disse que a equipe “ímpar” também iria receber a mesma premiação em função da participação do número de questões que haviam acertado, já que a diferença entre “vencedores” e “vencidos” se dava por conta de uma única questão. Por fim, tentei pôr em pauta as questões que não foram respondidas, mas eles estavam bastante eufóricos. Não consegui prender a atenção das turmas por muito mais tempo e finalizei o assunto. Agradei a acolhida, despedindo-me das turmas de 6º ano “A” e “B”.

Após as aulas com as turmas do 6º “A” e “B”, fui para o 8º ano. Voltei um pouco o assunto da aula anterior em que iniciamos o capítulo que tinha por título “Regência: a unidade ameaçada”. Voltei a discutir algumas questões tratadas na aula anterior, alguns alunos participavam, outros ficavam no fundo da sala apenas conversando, sem me dar atenção.

Para a aula do dia 15, no 8º ano, havia planejado “falar” sobre as revoltas ocorridas no período regencial. Tomando como ponto de partida, levei um texto para os

alunos que tratava de tais revoltas: Balaiada, Sabinada, Cabanagem, Revolta dos Malês e Farroupilha. Usando imagens presente no livro didático dos alunos, pedi para que eles fossem me dizendo que “revolta” estava retratada naquela imagem.

Nessa aula, como exercício, entreguei aos alunos uma cruzadinha, que era respondida com os nomes das revoltas ocorridas no período regencial. Foi uma aula bem participativa, com uma peculiaridade que me deixou, de certa forma “impressionada”.

A turma do 8º ano me foi apresentada como uma turma “ruim” e, em meio a essa turma “ruim” um aluno se destacava, não por aspectos positivos. Nesse dia, em meio a minha aula, esse aluno estava a fazer a atividade (cruzadinha) e veio a preenchê-la com uma informação no espaço que não era devido, com isso ele se exaltou e se recusou a continuar a atividade. Deixei que ele fizesse sua vontade, contudo, alguns minutos depois, ele veio a me pedir outra cruzadinha para continuar a atividade. Fiquei feliz com aquela atitude simples, senti que havia mobilizado aquele aluno de alguma forma.

Quinto dia, 16 de outubro

Meu estágio teve fim no dia 16 de outubro. Tinha aula nas turmas de 8º e 9º ano e havia combinado com os alunos de fazer uma atividade “diferente” com eles. Tal atividade teria caráter avaliativo, buscar-se-ia por meio desta analisar se os alunos tiveram alguma assimilação do tema abordado.

Nesse dia, havia planejado realizar o jogo da trilha¹⁹ com as turmas de 9º e 8º ano. A trilha consiste basicamente em um jogo em que o participante vai avançando uma casa a cada resposta certa, assim se faz até chegar à última “casa” (espaços a avançar), o que dá a classificação de “vencedor”. Nesse caso específico, a trilha era composta de dez “casas”, o que correspondia a dez perguntas a respeito do tema e conteúdos trabalhados em sala de aula.

No 9º ano, cheguei com uma vasta expectativa para concretizar a atividade. Como já havíamos visto o tema em aulas anteriores e os alunos estavam cientes da atividade que seria realizada, julguei que eles estivessem se preparado para a aula. Todavia, a turma resolveu boicotar a aula. Tentei fazer os alunos se interessarem pela trilha. Mas não tive sucesso. Usando novamente o plano “B” nessa turma, busquei

¹⁹A trilha foi desenhada a giz no chão da sala de aula, sendo uma sequência de retângulos, enumerados de 1 a 10. Algo similar ao jogo denominado amarelinha. Assim como o bingo, a trilha nos foi apresentada no Colóquio Nacional de Pesquisa História, mostrando ser viável partindo da mesma experiência.

realizar o bingo com eles, baseada na experiência que tive com as turmas de 6ºs anos “A” e “B”. Outra tentativa sem sucesso. Por mais que tentasse, não consegui mobilizar a turma.

Em meio ao “boicote”, expressei minha frustração para com a turma, mas não os deixei livres. Usei as questões que havia planejado usar no jogo da trilha ou no bingo, coloquei as questões no quadro e pedi para que os alunos me entregassem respondidas. Em um momento posterior, aleguei que essa não era minha intenção, mas não via outra alternativa diante da situação instaurada.

No 8º ano, o jogo da trilha fez-se possível. De início houve certa dificuldade em conseguir uma representante para o “time” das meninas (a turma foi assim dividida entre meninos e meninas), mas tal “problema” foi rapidamente superado. Ao aplicar a trilha, cada grupo tinha seu representante, contudo todos os demais alunos deveriam ajudá-los a obter as respostas, a fim de fazer seu grupo avançar uma casa. As questões iam sendo feitas e os meninos e meninas se colocavam a disposição de dar as respostas. Dessa forma, chegaram empatados na casa nove, com isso a décima questão foi dissertativa, o grupo que fizesse a melhor abordagem do tema avançaria para a casa 10, saindo com a vitória. A questão dissertativa acabou por proporcionar a vitória das meninas.²⁰

²⁰ Ficou a critério da professora supervisora avaliar as questão dissertativas dos dois grupos (meninos e meninas) e estabelecer qual grupo teve melhor desempenho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de estágio se configura como ponto fundamental para nossa formação de professores. É nesse momento que vemos de forma mais efetiva a relação existente entre teoria e prática. A partir do estágio pudemos dar a devida aplicabilidade aos conhecimentos teóricos adquiridos no âmbito acadêmico, essa experiência nos colocou em contato direto com realidade existente no espaço escolar.

Durante o estágio somos inseridos nas escolas, afim de vivermos em caráter prático as várias situações (positivas e negativas) que permeiam esse ambiente. Está na condição de estagiário nos condiciona a certos receios, contudo nosso objetivo é sempre pautado em darmos nosso melhor, respeitando nossas limitações e buscando sempre superar os desafios postos e/ou existentes nesse campo que escolhemos para nossa atuação profissional.

Acreditamos que o estágio esteja para além do “dar aula”, estando na escola na condição de futuros professores, temos também que nos dispor a atuarmos como mediadores na formação de cidadãos críticos, mas também mais humanos, sem negligenciar a parte que cabe a escola nessa humanização, como aponta Jaime Pinsk e Carla Bassanezi Pinsk (2003). Nos compete como “professores” de História humanizar e capacitar os alunos para que sejam capazes de reconhecer e respeitar o outro em suas diferenças, segundo Boschi (2007).

Refletindo acerca da prática do estágio podemos perceber que o planejamento foi fundamental para o desenvolvimento das nossas ações, planejar é necessário se temos perspectiva de mudança, assim nos mostra Vasconcellos (2005). Percebemos que nossas ações se deram de maneira a ir além da aula tradicional, em certos momentos buscamos privilegiar o conhecimento prévio do alunos, estabelecer relação entre presente/passado, tentando tornar as aulas interativas, para que o aluno não fosse mero receptor mas colaborador na “elaboração” das mesmas. Com isso preconizamos as discussão de Bittencourt (2004) a respeito do que vem a ser uma aula inovadora.

Discutir, planejar, executar, foi extremamente gratificante, ao estagiarmos nos deparamos com alunos diversos, que nos possibilitam viver a realidade do exercício da docência. Enfrentamos problemas como a apatia de uns e em contra partida somos agraciados com a afetividade de outros. Contudo só tenho a agradecer a todos que contribuíram para que o estágio se tornasse possível, acreditando ter alcançado os meus objetivos.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar História?** São Paulo: Ática, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: História**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERNANDES, L. Z. **A Reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica: da aula oficina à unidade temática investigativa**. In: Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História: Metodologias e Novos Horizontes. S. P. FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

PARAÍBA. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental: Ciências Humanas, Ensino Religioso e Diversidade Sociocultural**. João Pessoa: SEC/Grafset, 2010.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **Por uma história prazerosa e conseqüente**. IN: KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.

REZNIK, Luís. **Qual o lugar da História Local?** NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, v. 10, 1993.

SILVA, Givanilson Soares da; SILVA, Renata Karla Dos Santos; FREITAS, Alexandre Simão de. **Cultura e música periférica na escola pública: percepção dos professores quanto aos ritmos apreciados pelos alunos**. Disponível em: http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.1/cultura%20e%20msica%20perifrica%20na%20escola%20pblica%20percepo%20dos%20professores.pdf

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico**. 14. ed. São Paulo: Liberta, 2005, p. 35-77.